

HIBRIDIZAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA TECNOCULTURA

Lígia Milagres

Bolsista do grupo PET Arquitetura - UFMG

As reflexões no âmbito arquitetônico que abrangem o entendimento das relações emergentes entre sociedade, tecnologia e ciência, podem se desdobrar em investigações em torno de outros níveis de interação entre as pessoas e a arquitetura e sobre a liberdade de invenção por parte de quem habita os espaços. Ao arquiteto cabe repensar a sua atuação, visando o desenvolvimento de uma produção que vá além da reprodução de uma lógica esgotada, numa atitude de re-incluir o usuário como participante do processo experimental da obra. Nesse sentido, reconhecer que o papel de quem vivencia os espaços é imprescindível na atualização das suas frações virtuais usos revelados, ao longo do tempo e das ações é um primeiro passo para se imaginar outras arquiteturas.

Os espaços elaborados com suporte nessas preocupações têm como objetivo instigar a imaginação, provocando o usuário em torno de uma experiência criativa. Para tal tarefa é importante que faça-se uma reflexão sobre a questão da autonomia individual e os meios como ela se manifesta hoje.

A partir das experiências tecnológicas, o poder de ação do indivíduo é estendido e a sua principal movimentação é em direção a um meio alternativo/complementar ao atual: o ciberespaço, formado pelos computadores e suas redes de informação. Como estabelecer contato com modos cognitivos que emergem a partir dessa relação? Como esses perfis cognitivos em formação podem ser compreendidos e quais as perspectivas que eles vislumbram em termos arquitetônicos? Busca-se aqui inserir essas questões na reflexão arquitetônica, a partir do estabelecimento de uma outra relação com o usuário dos espaços aquela que gera possibilidades, propicia intervenções e que funciona a partir da indeterminação. Tendo consciência da impossibilidade de simplificação do assunto, a intenção é problematizá-lo a partir de uma análise aproximativa e não forçar conexões que estabeleçam respostas diretas.

Se o objetivo é dar início a uma reflexão a respeito da invenção, da autonomia e do engajamento, deve-se antes recorrer a discussões recentes que envolvem a subjetividade e o corpo humanos, noções que vêm passando por deslocamentos. Tais discussões procuram romper com as noções de naturalidade e de verdade estabelecidas, o que implica necessariamente na implosão dos alicerces do discurso e prática arquitetônicos realizados até então. O mito ciborgue aponta para uma situação limítrofe na relação entre homem e tecnologia, incitando investigações sobre as fronteiras humanas. A partir da leitura do livro *Antropologia do Ciborgue* as vertigens do pós-humano, do qual faz parte o Manifesto Ciborgue de Donna Haraway, pode-se compreender o alcance desse mito, que vai muito além das histórias de ficção científica e permeia a realidade. Apontam-se novas subjetividades a partir da complexificação da

realidade pela tecnocultura.

As experiências atuais da tecnocultura contribuem para o fim da visão humanista do corpo e, conseqüentemente, para a quebra da esfera que separava o sujeito do mundo aquela que o mantinha numa posição privilegiada. Este corpo apresenta-se anexado a objetos e, através deles, relaciona-se com o que lhe é externo; ou seja, através de aparatos não orgânicos, ocorre a relação com o outro (mundo). Tais mudanças no entendimento da subjetividade e do corpo humanos nos obrigam a repensar a relação destes com a produção de espaços na arquitetura. Reconhecer esse corpo/mente em modificação e propiciar suas manifestações envolve transgredir os limites racionais que ainda regem a concepção dos espaços. A partir do deslocamento do foco sobre a interioridade em direção às relações entre o eu e o mundo, questiona-se a situação atual das bordas responsáveis por esta separação: o corpo.

As construções ciborguianas, mistos de organismo e máquina, traduzem a constituição humana atual, incorporando-se a ela em todos os sentidos. Haraway dedica-se a investigar a relação cada vez mais entrelaçada do corpo com as máquinas, as implicações da tecnociência na sociedade e as conseqüências da revolução da engenharia genética na cultura. Foi trabalhando na área de Primatologia que ela viu-se na fronteira das diferenças entre animais e humanos e, observando os processos de manipulação genética, passou a ter uma visão embaçada da separação entre o "natural" e o "artificial". Questionando o viés maquinicista da cultura científica, Haraway busca desmembrar noções limitadoras e aprisionantes, como a noção de eu-sujeito e as duplas de oposições responsáveis pela estruturação do pensamento ocidental. Ela critica e busca maneiras de transgredir a exclusão do outro sobre a qual sustenta-se grande parte dos discursos do ocidente e estes, por sua vez, não encontram a mesma validade diante da complexidade do mundo atual.

Haraway declara-se como sendo uma ciborgue, um corpo que representa a quintessência da tecnologia. O uso cotidiano dos computadores, as pesquisas recentes na protética e na robótica e até a ingestão de alimentos geneticamente modificados são alguns dos acontecimentos que convergem para tal compreensão do humano. Os fenômenos da tecnocultura apontam para perspectivas de mudança e transformação a partir da relação homem/tecnologia. Tal relação ocorre de modo que não se pode mais dizer com precisão o que é puramente humano ou natural.

As indagações que acompanham este raciocínio questionam a noção de naturalidade e abarcam a compreensão de que se os pressupostos tomados também como arquitetônicos foram construídos, os mesmos passam a ser suscetíveis de desconstrução.

O problema do reconhecimento de qualquer

coisa como sendo "natural" ocorre devido à noção de imutabilidade, da impossibilidade de transformação que o acompanha. O ciborgue, mito sem origem, não-natural, retoma a perspectiva de transformação, e é nesse sentido que ele aponta para caminhos mais autônomos. Com a ajuda dos instrumentos necessários, é possível desconstruir-se e reconstruir-se à maneira que se quiser. Em termos arquitetônicos, a busca por uma outra prática envolve desconstruir as bases do próprio raciocínio a respeito dos espaços e da sua relação com quem dele se apropria. Pode-se seguir através de uma outra lógica, percebendo que a autonomia não ocorre somente no nível do vivenciador dos espaços, como também por parte do arquiteto ao adotar uma outra postura.

A manipulação do corpo possibilitada através dos avanços da tecnociência, e mais especificamente, a tecnologia da informação que viabiliza a inserção do indivíduo num emaranhado de redes, trocas, conexões e interações, geram seres, ambientes, pensamentos e ações híbridos. Ocorre o deslocamento do eu em direção a essa rede e a imagem do ciborgue "nos estimula a repensar a subjetividade humana" (SILVA, 2000:14).

O entendimento do funcionamento do corpo humano como um conjunto de redes complexas de informação confunde os limites que separavam o natural do artificial, permitindo o intercâmbio de dados entre o que é externo e interno ao corpo. É a partir do olhar sobre o ciborgue que surgem reflexões a respeito do ser humano e da subjetividade até então indefectível. A idéia de um sujeito reflexivo, universal e racional estilhaça-se em pedaços formando um mosaico irreconhecível em um caminho sem volta.

Chega-se o momento em que questiona-se fatalmente essa construção pertencente a um dado momento histórico e que servia de sustentação dos discursos das instituições dominantes. Como observa Tomaz Tadeu da Silva (2000: 12), "reunidas, essas teorias mostram que não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder. Sobre alguma coisa?". Em seu manifesto, Haraway questiona as fronteiras entre animal e humano, entre organismo e máquina, entre política e ciência, entre natureza e cultura, entre físico e não-físico e entre mente e corpo que, dentre outras, estruturam o pensamento ocidental. "Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção" (HARAWAY, 2000:42). Buscando compreender as implicações das tecnologias da informação na sociedade e no corpo, a autora insere a noção de um ser ciborguiano suscetível à desmontagem e remontagem.

Na biotecnologia, a manipulação dos dados humanos admite a compreensão do organismo como um processador que recebe, armazena, transforma e fornece informação. Por outro lado, as pesquisas em andamento na área da Inteligência Artificial buscam respostas humanas imprevisibilidade, desobediência nas máquinas. Ambas as situações são atualmente levadas ao limite no desenvolvimento da tecnociência e são responsáveis por borrar definitivamente a fronteira entre organismo e máquina.

Uma questão importante para a autora é, através desse discurso, contribuir para uma revisão da teoria feminista que, no caso, transcende a questão

do gênero, relacionando-se com a noção de liberdade do outro. O ciborgue, "criatura do mundo pós-gênero", não tendo identificação com a natureza, não almeja a totalidade e nem remete a um estado original. Através dele, parte-se para o reconhecimento de particularidades não totalizáveis, irreduzíveis a simplificações conceituais. É nesse sentido que o ciborgue transcende a questão física e vai ao encontro de uma prática libertadora, pois contesta a noção de uma unidade de origem, que é por sua vez responsável pela produção/reprodução do ato de dominação sobre o outro. Deslocando o ciborgue da posição de ícone do poder militar e toda a sua capacitação voltada para o controle encontramos um mito que guarda uma potência transformadora, sobre identidades e sobre fronteiras, definindo nossa política. Nesse mesmo raciocínio, Haraway (2000: 41) argumenta "em favor do ciborgue como uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos". A partir do questionamento da totalidade e da dominação hierárquica, tenta-se encontrar, em uma sociedade tecnologicamente modificada, perspectivas de mudança e de autonomia política individual.

Analisar a situação da prática arquitetônica na contemporaneidade envolve tecer considerações sobre a realidade atual, conformada pelas interações entre cultura, tecnologia e sociedade. Indagar de maneira crítica sobre o estatuto dos espaços da cidade na era da informação pode encaminhar parâmetros para reflexões a respeito das relações entre o indivíduo e a arquitetura.

"Quem se apropria dos espaços?" Essa é uma pergunta que deve ser feita num momento em que ocorre o desmantelamento de alguns pressupostos que antes eram tomados como verdade, como naturalidade, principalmente no que diz respeito à questão da subjetividade, que tanto esteve por trás dos discursos arquitetônicos. Considerar os novos parâmetros de intersubjetividade nos espaços da cidade e da arquitetura incita a problematização da noção de apropriação.

O compromisso com o imaginário e autonomia individual sugere o desdobramento de situações mais livres, colaborativas e autônomas, exprimindo potencialidades embutidas nas experiências do tempo presente. No momento em que se problematiza na arquitetura uma percepção modificada, abre-se um campo para experimentações em direção a espaços que dialogam com novos modos cognitivos, que incorporam as transmutações do espaço-tempo e que tornam as estruturas, até então, rígidas maleáveis e suscetíveis de reinvenção.

A produção arquitetônica explode para além de construções palpáveis e calcadas nas noções tradicionais de espaço e tempo, de tal forma que passa a sugerir modos distintos de se experimentar os espaços. Uma vez que a construção e uso estão em jogo, um pode surgir em fusão com o outro, revelando processos interativos e espaços abertos para a atuação de quem os vivencia. Parte-se então para a idéia de que no lugar de cúmplice, a arquitetura pode assumir um papel ativo de questionadora e reinventora da realidade convencional. Há algum tempo os antigos alicerces estão em desmoronamento, tornando o momento atual potente com relação à novas políticas.

Nota:

1- "O ciborgue não reconhecera o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó". (HARAWAY, 2000:44).

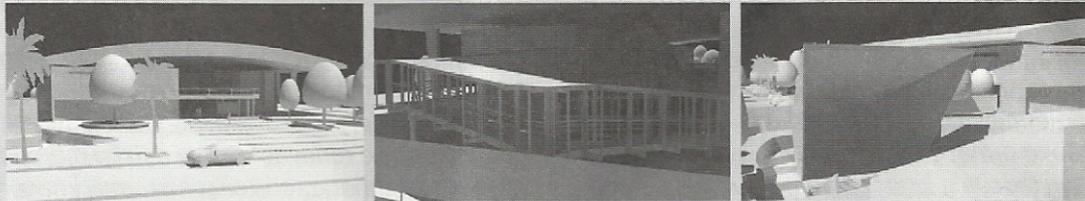
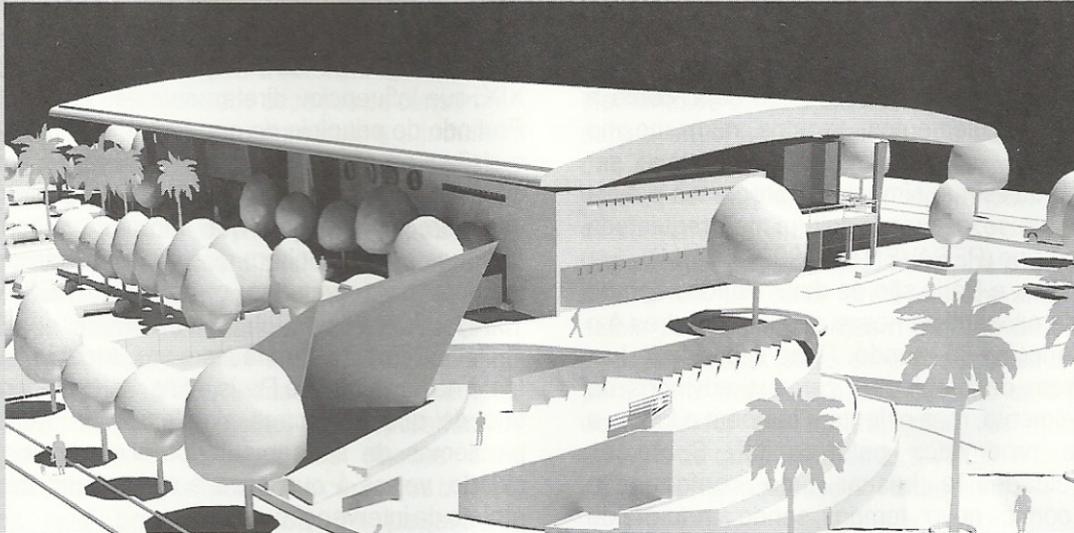
Referências bibliográficas:

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

KUNZRU, Hari. "Você é um ciborgue": um encontro com Donna Haraway. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

CIC - CENTRO DE INTERESSE COMUNITÁRIO



O projeto arquitetônico do Centro de Interesse Comunitário (CIC) surge de uma parceria entre o grupo PET do curso de Arquitetura e Urbanismo e a Prefeitura Universitária. O intuito do mesmo é convergir estudantes, professores e funcionários a um ambiente multifuncional. Está voltado para a melhoria e a construção de espaços que permitem a inclusão e a integração da comunidade acadêmica.

O projeto será localizado no Campus A.C Simões, no bairro Tabuleiro dos Martins, na cidade de Maceió-AL.

Para identificar as demandas, foram realizadas entrevistas com os futuros usuários do espaço, complementando o programa de necessidades. Foi proposta pelo PET/ARQ a criação de um Centro de Interesse Comunitário, comportando salas para reuniões, auditório, lanchonetes, conveniências, EDUFAL, uma

concha acústica e um amplo pátio central e estacionamento.

A elaboração do projeto proporcionou discussões e pesquisas acerca do tema, havendo uma maior preocupação com a legibilidade e a viabilidade do projeto, diferindo dos projetos realizados na graduação.

A tarefa de concepção projetual se tornou mais enriquecedora para os componentes do grupo, graças ao desenvolvimento da capacidade de lidar com pontos de vista divergentes.

Esta atividade de extensão é um meio através do qual se põe em prática todos os conhecimentos adquiridos nas atividades do grupo, através do exercício projetual. São iniciativas como esta que possibilitam aos estudantes de arquitetura ter um contato mais íntimo com a profissão antes de ingressar no mercado de trabalho.

Projeto Arquitetônico: Flávio de Souza - Ana Karêlina Magalhães - Ana Márcia Viana - Diógenes Ângelo - Eduardo Baracat - Gabriella Vasconcelos - Gustavo Baraldi - Íria Rocha - Jordana Teixeira - Juliana Duarte - Kamila Mendonça - Kamilla Moraes - Lana Souza - Leônidas Calheiros - Luiz Felipe Brandão - Manuella Ferreira - Renata Camelo - Selene Morales - Thayse Wende - Vanine Borges - Wevila Fontes. Colaboradores: Irfan Bastos - Joseângelo de Caldas - Norlan Dowell.